

**ECOS DA MODERNIDADE – MEMÓRIA E TRANSFORMAÇÕES URBANAS
SOFRIDAS POR OEIRAS (PI), EM MEADOS DO SÉCULO XX**

Teresina-Pi

Dez/09

**ECOS DA MODERNIDADE: MEMÓRIA E TRANSFORMAÇÕES URBANAS
SOFRIDAS POR OEIRAS(PI) EM MEADOS DO SÉCULO XX**

Agnelo Pereira dos Santos*

RESUMO

A Cidade de Oeiras(PI), foi o primeiro núcleo urbano e a primeira capital do Estado do Piauí, entre os anos de 1718 a 1952. Ainda preserva na sua paisagem urbana, assim como em suas manifestações culturais e, sobretudo religiosas, as marcas da colonização portuguesa. A partir da Revolução de 1930 Oeiras recebe um conjunto intenso de intervenções, redesenhando o seu aspecto urbanístico, interferindo no cotidiano e no imaginário da provinciana cidade. O presente artigo, portanto, objetiva apropriar-se historicamente das transformações sofridas pela paisagem urbana da cidade de Oeiras, no período que medeia entre o final de 1930 e os meados da década de 1940, indagando principalmente sobre os reflexos das transformações físicas, marcadamente arquitetônicas, sobre as vidas dos Oeirenses, assim como capturar fragmentos de memória de moradores da cidade que viveram, e por consequência sofreram, as transformações referidas. Esta proposição também visa avaliar as novas práticas políticas instituídas por um poder marcadamente autoritário e seu papel nas transformações em estudo.

* Mestrando em História do Brasil – UFPI. Graduação em História – UESPI.

Palavras-chave: Cidade. Modernidade. Urbanismo.

INTRODUÇÃO

No diálogo empreendido entre Kublai Khan e Marco Polo, no Livro *As Cidades Invisíveis*, de Ítalo Calvino, especificamente no que se refere à descrição da Cidade de Zaíra, o viajante Marco Polo revela que poderia citar todos os seus detalhes físicos. Entretanto, “a cidade não é feito disso, mas das relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado”¹ Prosseguindo o diálogo, o navegador vai concluindo o seu pensamento acerca desse indecifrável símbolo: “A cidade se embebe como uma esponja que reflui das recordações e se dilata”.²

De fato, estamos quase sempre nos referindo às cidades enquanto uma representação do que foi e do que (res) significa no presente. A História é assim mesmo, um permanente diálogo entre as permanências e as mudanças. E vai se consolidando nos registros e reinvenções da experiência humana. “Cada presente seleciona um passado que deseja e lhe interessa conhecer. A história é necessariamente escrita e reescrita a partir das posições do presente, lugar da problemática da pesquisa e do sujeito que a realiza”³. O historiador, portanto, está envolto ao seu presente, ao seu cotidiano, e necessita perseguir a fidelidade de suas

¹ CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 14.

² CALVINO, Italo. *Idem*.

³ REIS, José C. de Vanhagem a F.H.C.: *As identidades do Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 2001. p. 16.

narrativas, ao menos aproximar-se da verdade, da forma como ocorreram os fatos. Por via de conseqüência, a nossa análise mergulha nessa complexidade que envolve o palco citadino e sua relação com as transmutações históricas, especificamente as ocorridas mais celeremente em Oeiras nas décadas de 1930 e 1940.

Até a metade de 1930, a cidade de Oeiras, situada no centro sul do Estado do Piauí, pouco ou quase nada conhecia das transformações que proliferavam nos grandes centros do mundo trazendo em seu bojo os deslumbramentos da modernidade. Vivia mergulhada no seu ostracismo desde que perdera a condição de capital para Teresina, ainda no ano de 1852, e com isso, todo o seu corpo administrativo. O cotidiano da colonial urbe vivia imerso em rotinas completamente diferentes das contemporâneas. Isso fez com que a historiadora Teresinha Queiroz revelasse que:

Oeiras guarda a expressão histórica e literária daquelas velhas cidades abandonadas pelos seus em busca de Novos Eldorados. Lembra as “Cidades Mortas” de que falava Monteiro Lobato. Mas essa morte é apenas emblemática e apenas sinaliza para a nova ressurreição.⁴

Realmente, Monteiro Lobato, referindo-se a algumas regiões do Norte de São Paulo no início do Séc. XX, quando o solo exauriu-se e seus habitantes abandonaram-nas, registrava com profunda melancolia: “Ali tudo foi, nada é. Não se conjugam verbos no presente. Tudo é pretérito. Umas tantas cidades moribundas arrastam um viver decrépito, gasto em chorar na mesquinhez de hoje as saudosas grandezas dantes”.⁵ Oeiras que dera o grito de independência do Piauí frente ao domínio português e fora o seu centro administrativo, experimentava a inclemência cadenciada do tempo.

⁴ QUEIROZ, T. J. M. Do singular ao plural. Recife: Edições Bagaço. p. 37.

⁵ LOBATO, Monteiro. Cidades Mortas. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 21.

Dentre a gama de postulados da modernidade, pode-se afirmar que esta também se materializa na concepção de progresso, criando cenários imagéticos antes desconhecidos. Assim, mudar a sociedade através das transformações urbanas foi sempre uma aspiração do homem, notadamente quando se concebe essas interferências como símbolo de modernidade e da realização de progresso material. Além do mais, é oportuno complementar que “as imagens dão a ver e dão a ler, podendo delas se dizer aquilo que Paul Ricoer aponta a propósito da arquitetura: são uma materialidade no espaço que contém um tempo.”⁶ Entretanto, paradoxalmente, apesar das intensas intervenções na paisagem urbana de Oeiras no período em análise, o processo de modernização e de comunicação da cidade com outros centros do país dar-se-á por meio que incorpora uma invenção da mais alta tecnologia, o avião, e que realizava o mais caro sonho do ser humano: o sonho de Ícaro. O rádio já era um importante meio de comunicação em centros maiores, porém de uso restrito em Oeiras. O cronista Ferrer Freitas relata em “Cem anos de um Juiz de Direito”,⁷ comentando sobre a atuação de Pedro Amador Martins de Sá, que “quem passasse pela calçada de sua casa ouvia o rádio ligado nos noticiosos. Dia seguinte, o relato do que foi ouvido era passado à roda, *ipsis verbis*. (...) A notícia exata, o comentário elucidativo, sobretudo e principalmente à época da segunda grande guerra, só o doutor juiz sabia dizer”. O Juiz Pedro Sá ficava ligado até o desligamento da energia elétrica da velha usina movida à lenha, por volta da meia noite. Assim ambientava-se Oeiras.

A VOVÓ DE CABELOS BRANCOS REJUVENESCE

⁶ PESAVENTO, Weber Santos; SOUSA, Rossine (orgs). Narrativas, imagens e práticas sociais: percursos em história cultural. Porto Alegre: Asterisco, 2008. p. 15.

⁷ FREITAS, P. F. M. de. Solo distante. Teresina: Grafisset, 2001.

Quando da instituição do Estado Novo no Brasil assume o comando administrativo do Estado o Interventor Federal Leônidas Melo, que por sua vez, nomeia para a administração de Oeiras Orlando Barbosa de Carvalho, os quais, juntos, ficariam à frente de suas respectivas administrações até o ano de 1945. O País passava por profundas transformações sócio-econômicas, acelerando a industrialização e acentuando o processo de urbanização, transmutando de uma sociedade agrária para a concentração nas urbes. Assim define Boris Fausto: “A nova forma de Estado – mais centralizado, intervencionista – é uma condição básica para a expansão das atividades industriais”⁸. De fato, a era estadonovista foi marcada pelos fundamentos doutrinários do autoritarismo conjugado com o nacionalismo. Nacionalismo pela tentativa de supressão do atraso econômico em relação aos países mais adiantados, o que comportava uma forte intervenção do Estado na economia, incentivando o processo de industrialização, e, por conseguinte, de urbanização. Autoritarismo pela reinvenção e redefinição dos domínios oligárquicos, sedimentados na supressão das liberdades políticas e submissão hierárquica dos administradores ao governo federal.

O Coronel Orlando Carvalho, como ficou conhecido, assume o mandato num momento em que eram lançados os fermentos das transformações, pois “até 1930 os limites da velha cidadela permaneciam os mesmos, sob o agravante de velhos casarões, não resistindo ao intemperismo do tempo, ruírem seguidamente”⁸. Até então a arquitetura Oeirense estava fortemente ligada ao ciclo do couro. Das fazendas abundantes em carnaubeiras tirava-se a matéria-prima necessária para construção. Neste sentido, o tronco da carnaúba foi largamente utilizado na estrutura das paredes e coberturas. O couro do gado, por sua vez, foi utilizado para amarração de troncos, fabricação de móveis e utensílios domésticos, além de

⁸ SOARES FILHO, J.R. Oeiras, geografia urbana. Teresina: Gráfica e Editora Júnior, 1994. p. 25.

constituir-se na indumentária típica do vaqueiro. Orlando Carvalho soube apropriar-se das condições favoráveis às mudanças, inclusive o excelente desempenho da economia estadual, marcada pelo extrativismo, sobressaindo-se a exportação da cera de carnaúba, na qual a cidade de Oeiras despontava como um dos principais centros produtores. O administrador relatava com otimismo a perspectiva do encontro com as aventuras da modernidade:

A cidade de Oeiras foi o primeiro núcleo de população, e se pode considerar o berço da história e civilização do Estado do Piauí(...). Felizmente, e sobretudo a começar de 1930, ante os influxos da Revolução e do Estado Novo Brasileiro, a antiga metrópole piauiense ressurgiu, progride francamente(...). Estão sendo construídos e prestes a ser concluídos um magnífico edifício para cine-teatro, com praça ajardinada e um vasto campo de aviação.⁹

Vale ressaltar que as décadas de 1920/30 constituem-se como momento de várias intervenções urbanas no Brasil, a exemplo da Cidade do Rio de Janeiro. Paris, por sua vez, na sua feição de belle époque, irradiou diversos planos de urbanização mundo afora. A problemática que envolvia o cenário nacional nos campos social, urbano e cultural estava voltada para uma definição dos aspectos identitários da nação brasileira. Campos afirma que:

Nos anos seguintes à Primeira Guerra Mundial os anseios pela modernização do país passaram a convergir com a intenção de construir uma nacionalidade, uma Nação, o Brasil; perspectiva que atravessa os campos artísticos e cultural, e que também marcaria a vontade modernizadora dirigida à construção do aparato da modernidade sobre o território nacional – suas edificações, suas infra-estruturas, suas cidades.¹⁰

⁹ Relatório da Prefeitura Municipal de Oeiras ao Interventor Federal Leônidas Melo. 15/06/1940.

¹⁰ CAMPOS, C. M. Os rumos da cidade: urbanismo e modernização em São Paulo. São Paulo: Editora SENAC, 2002. p. 193.

A cidade de Oeiras segue essa tendência, mas um pouco tardiamente. A inauguração da luz elétrica, condição necessária para as demandas dos novos tempos, só seria inaugurada no ano de 1937. A inauguração do aeroporto, outro extraordinário fato para a sociedade local, que em sentimento de incredulidade e êxtase, finalmente presenciava, ainda nos idos de 1939, e tão entusiasticamente registrada pela chefe da municipalidade:

A 12 de julho de 1939, tive o imenso praser de inaugurar o campo de aviação(...) .O avião do Sindicato Condor, adjando sob o nosso céu azul, em evoluções, que embeveciam e arrancavam entusiásticas aclamações, aterrou, afinal, em nosso aeroporto, constituindo, com a estabilidade de sua carreira e das enormes vantagens dela decorrentes, um melhoramento, cujas proporções se podem considerar de primeira grandeza (...) ¹¹

Dessa maneira a Oeiras do final dos anos 1930 vivia frementemente do encontro com o novo. A cidade ligara-se ao mundo e estava impulsionada pelas idéias da modernização via poder público municipal, ressurgia dos escombros da memória, dos anos letárgicos que lhe impuseram os acontecimentos históricos. Inebriada e deslumbrada ficaria ainda mais com as novidades do cinema, que proporcionava a seus habitantes novas visões do mundo. Novas tecnologias de construção com a popularização do tijolo que incorporavam-se ao cotidiano da sociedade em contraposição ao centenário casario. Novos produtos, o ladrilho hidráulico começava a substituir os antigos pisos de barro, lustres, máquinas de fazer vento, ou seja, ventiladores, enfim, novos desejos e aspirações, novos valores e novos padrões de comportamentos revolviam o imaginário da então pacata cidadela. A partir da inauguração da luz elétrica, observa-se as pequenas mudanças de hábitos e percepções de seus habitantes, conforme depoimento da Sra. Rita de Cássia Campos:

¹¹ Relatório da Prefeitura Municipal de Oeiras, Idem.

Tudo melhorou depois da luz, a cidade ficou mais agitada, a diversão aumentou e os bairros tornaram mais freqüentes, as moças andavam mais chiques, usavam mais chapéus e as mais ricas mandavam fazer roupas por modistas de Teresina ou mesmo de Fortaleza.(...). Fiz muitos vestidos e passei a costurar também à noite. Antes com a lamparina não dava... A luz também fez estreitar os laços de amizades entre as pessoas.¹²

A memória é o ato de recompor o passado trazendo-o ao presente, eliminando as suas distâncias, enquanto o historiador narra aquilo que não viveu, por conseguinte, de fora daquilo que ele não vivenciou. “Assim como a história é a narrativa que presentifica uma ausência no tempo, a memória recupera, pela evocação, imagens do vivido (...).”¹³ Assim, pois, o cinema surgia e suas ações transformadoras se manifestavam nas tramas sociais. O Sr. José Hipólito Marinho é uma figura emblemática da cidade, jardineiro aposentado, é conhecido como Zé de Helena e por muito tempo, por suas opções, desafiou os preceitos morais dessa sociedade eminentemente patriarcal e conservadora, recorda a ambiência daqueles momentos, de refinamento e distinção social;

No cinema tinha o vespéral, todo mundo assistia, mas a seção das oito e meia era da alta sociedade (...). Luvas, chapéus, Dona Zuleica e Dona Amália Campos entravam de chapéu, de luvas, arrumadinhas. Vestidos godê ou volante, aquelas saias... aqueles vestidos bonitos usados pelas moças de alta sociedade. Era um local de encontros, onde acontecia os flertes, isto é, os namoros. Era muito luxuoso o cinema.¹⁴

¹² Entrevista concedida ao autor em 2008.

¹³ PESAVENTO, Op. Cit.

¹⁴ Entrevista concedida ao autor por José Hipólito Marinho, 2008.

A fala de Zé de Helena revela que o cinema na cidade tinha dois momentos, sendo freqüentado por todas as classes no período da tarde, todavia, a seção da noite era reservada à alta sociedade, em que se podia perceber uma radical mudança no modo de vestir-se das pessoas, notadamente do sexo feminino.

A vida na cidade ganhava novas cores e novos ritmos. O então prefeito parecia obcecado pelo novo, ao qual ele, frequentemente, se referia como “moderno”, ou “progresso”, ou ainda “progresso e civilização”. Ao relatar ao Interventor Federal a construção do cine-teatro, evidenciava: “Um majestoso e imponente prédio, destinado ao cine-teatro, de estilo moderno” (...). Ou ainda, especificando os aparatos da invenção moderna: “300 poltronas distintas, tipo TRIANON, mosaico para todo o piso, lindo e sugestivo pano de boca, reposteiro de pelúcia, ventiladores e aparelhos de primeira qualidade para iluminação elétrica, gradis de metal cromado...(…). Prédio esse que ficará uma obra digna de admiração em nosso meio”¹⁵. O cine-teatro se constituiria como a obra de maior impacto tanto no cenário urbano, quanto nos aspectos sócio-culturais de Oeiras. O historiador Antonio Paulo Rezende, ao analisar as transformações da Cidade de Recife nos anos vinte observa os impactos dessa arte naquele palco citadino: “O cinema redefinía horários de lazer. Aproximava corpos, definía comportamentos. A indústria da fantasia, um pacto com o eterno, a fuga da monotonia com o cotidiano, a criação de um novo território para o sonho (...)”¹⁶. Neste sentido compreende-se o cuidado que teve o então prefeito ao inaugurar o “imponente prédio”. O principal meio de comunicação à época era o telégrafo. Para tanto, foram convidados de forma hierárquica o interventor federal Leônidas Melo e seu secretariado, o prefeito de Teresina Domingos Monteiro, que se fizeram presentes, e muitos prefeitos do Estado. O Sr. João Matos foi o primeiro operador cinematográfico. Em suas

¹⁵ Relatório da Prefeitura Municipal de Oeiras, Op. cit.

¹⁶ RESENDE, A. P. O Recife dos anos 20: as imagens e vestígios do moderno e os tempos históricos. João Pessoa: Programa de Pós-Graduação em Sociologia. UFPB, 2003, p. 19.

memórias estão contidas as lembranças daqueles momentos: “Eu recebi a máquina das mãos do pai do ex-governador Mão Santa, eu recebi no dia primeiro de dezembro e no dia dezessete eu passei o primeiro filme. Ainda lembro o nome: Café Metrópole.”¹⁷ Muito provavelmente não compreendia o Sr. João Matos, na lucidez de seus 92 anos, que Oeiras, mergulhava, inexoravelmente, no drama da modernidade.

VISÃO UTÓPICA DO URBANO

A arquitetura brasileira dos anos 1930/40 foi marcada fortemente pelo estilo denominado Art Dèco. O termo é de origem francesa e reveste-se na abreviação de “arts Décoratifs”, configurando-se num estilo decorativo que se afirma nas artes plásticas, design, mobiliário, decoração e também arquitetura. Na arquitetura Art Dèco, as fachadas têm rigor geométrico e ritmo linear, predominando linhas retas circulares estilizadas, buscando causar a impressão de monumentalidade. Pode-se afirmar que esse estilo constitui-se numa fase de transição para a arquitetura moderna, é protomoderna, e foi esse estilo que disseminou-se pelo país no período. Seguindo essa tendência, administração do prefeito Orlando Carvalho remodela a cidade quase que simultaneamente, principalmente, através do cine-teatro, do café Oeiras, do Passeio Leônidas Melo, da Praça da Bandeira, do prédio da Associação Comércio, Indústria e Agricultura, destinada a abrigar as atividades da elite empresarial emergente, além de um rigoroso Código de Postura do Município. A organização desses espaços se deu, portanto, pela ação disciplinadora dos mecanismos de poder que se estendeu pelos espaços públicos criando ambientes de sociabilidades e estabelecendo uma relação entre diferentes atores sociais, na configuração de inexoráveis situações de segregação sócio-espaciais. Segundo

¹⁷ Entrevista concedida ao autor em 2007.

Harvey, “a aparência de uma cidade e o modo como os espaços se organizam formam uma base material a partir da qual é possível pensar, avaliar e realizar uma gama de possíveis sensações e práticas sociais”¹⁸. Assim, a sociedade oeirense, arraigada na tradição católica que o colonizador lhe impôs, passava a apresentar características peculiares de sociedade em fase de transição, trocando a experiência da vida bucólica pelos hábitos citadinos, no permanente conflito entre tradição e modernidade.

É importante frisar ainda que as práticas políticas, inseridas num contexto autoritário, obedeciam, naturalmente, os princípios da hierarquia e da autoridade. O populismo era a doutrina dominante e o seu intelectual orgânico era permanentemente venerado. As datas cívicas, os símbolos da Pátria, o aniversário do Presidente e do Estado Novo eram cuidadosamente festejados e cobrados por superiores. Assim se cultuava a figura do líder carismático, “o grande brasileiro”. No plano local, editou um filme-documentário a fim de divulgar suas realizações, e que era exibido antes das sessões cinematográficas. A pretexto de divulgar as atividades escolares fundou o jornal FANAL, no qual, entre espaços de divulgação de amenidades, aproveitava para inserir propaganda de sua administração. Tinha, portanto, o forte caráter ideológico. O número 8 desse jornal exemplifica a afirmativa:

[...] De autoria do ilustre e competentíssimo engenheiro, amarantino-oeirense, professor catedrático Raimundo Barroso de Carvalho Neto, elemento de alta projeção no Rio de Janeiro e na engenharia nacional, já encontra-se em poder da Comissão, encarregada da construção, a linda planta do projeto de dois pavimentos, destinado à sede da pujante Associação Comércio, Indústria e Agricultura Oeirense. Esse edifício, que ficará em frente ao Cine-Tetro Oeiras, contribuirá, ao lado deste,

¹⁸ HARVEY, D. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1992. p. 10.

grandemente, para embelesar a nossa antiga metrópole, dando-lhe um ambiente de cidade moderna (...)¹⁹

Conjugado com a propaganda política o discurso oficial anunciava novos estilos arquitetônicos, novas técnicas construtivas, visando ainda incutir permanentemente a concepção de modernidade, a qual simbolizava uma visão utópica de ruptura com o passado, a substituição do velho pelo novo. Entretanto, a modernidade é o “circunstancial”. E as utopias, segundo Bauman, nasceram junto com ela, e só na atmosfera moderna puderam respirar.

CONCLUSÃO

Oeiras é uma cidade atravessada pela tradição. Quantas histórias estão inscritas em suas configurações? Recebeu, em nome do colonizador português, os ensinamentos do catolicismo, foi o primeiro núcleo urbano e a primeira capital do Estado do Piauí. Por tudo que simboliza, configura-se numa cidade síntese. Os fatos históricos haviam lhe imposto o isolamento, ainda assim soube absorver os reflexos das transformações ocorridas no século XX. As intervenções urbanas sofridas no período que medeia entre o final de 1930 e meados da década seguinte provocaram profundo impacto, tanto no (re)modelamento do espaço urbano, quanto nos aspectos sócio-culturais. Novos espaços de sociabilidades, novos hábitos, a indústria da fantasia, novas visões de mundo. As concepções modernizantes... A modernidade é sempre um projeto histórico vivenciado por sucessivas gerações. E vai diluindo-se, com o tempo, na (des) ilusão do progresso. Em Oeiras não foi diferente. A cidade atual não se percebe colonial, nem moderna. Vive o conflito identitário da pós-modernidade: Identidade sem forma, “líquida”, em busca de referenciais. O velho convivendo harmonicamente com o novo, que não é mais

¹⁹ Jornal Fanal, n. 8, 30 de junho de 1940. p. 2.

novo. Cada cidade carrega consigo as marcas do seu tempo, e “Cada época tem seu porte, seu olhar e seu sorriso.”²⁰

REFERENCIAS

BAUDELAIRE, C. **Sobre a modernidade**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1996.

BAUMAN, Zigmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

CAMPOS, C. M. **Os rumos da cidade**: urbanismo e modernização em São Paulo. São Paulo: editora SENAC, 2002.

Entrevistas concedidas por: João da Silva Motos, 2007. Rita Cássia Campos, 2008. José Hipólito Marinho, 2008.

FAUSTO, B. **A revolução de 1930**. São Paulo: editora Brasiliense, 1978.

FREITAS, P. F. M. de. **Solo distante** (crônicas de oeirenses). Teresina: Grafisset, 2001

Jornal Fanal, número 08, de 30 de Junho de 1940.

LOBATO, Monteiro. **Cidades Mortas**. São Paulo: editora Brasiliense, 2004.

REIS, José C. **De varnhagem a FHC**: as identidades do Brasil. Rio de Janeiro: editora FGV, 2001.

²⁰ BAUDELAIRE. Sobre a modernidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. p. 25.

PESAVENTO, WEBER SANTOS; SOUZA ROSSINI (orgs). **Narrativas, imagens e práticas sociais: percursos em história cultural**. Porto Alegre: Asterisco, 2008.

QUEIROZ, T. J. M. **Do singular ao plural**. Recife: edição bagaço, 2006.

Relatório da Prefeitura Municipal de Oeiras, de 15 de Junho de 1940.

SOARES FILHO, J. R. **Oeiras geografia urbana**. Teresina: Gráfica e editora Junior, 1994.